



Os (entre) lugares da arte na educação infantil

Marisete Machado Colbeich (FATEMP)
Carolina Ramos Nunes (UDESC)

RESUMO: Esse artigo propõe um momento de reflexão sobre o Ensino da Arte na Educação Infantil. Do ideal ao possível verifica-se um extenso percurso de fazeres e desafios. Apontamos um breve panorama de como o campo de conhecimento arte é entendido na Educação Infantil e para contraponto apresentam-se algumas práticas pedagógicas onde tangenciamos as linguagens artísticas. Propondo pensar em como a arte está colocada nesse entremeio de construção de conhecimentos neste tempo de ensino, o referencial teórico é pautado em autores que possibilitaram embasar nossa fala a fim de evidenciar a arte como um campo de conhecimento que contribui para as práticas pedagógicas.

Palavras-chave: arte; educação infantil; prática de ensino.

ABSTRACT: This article proposes a moment of reflection on Art Teaching in Early Childhood Education. From the ideal to the possible there is an extensive course of doings and challenges. We give a brief overview of how the field of art knowledge is understood in early childhood education and to counterpoint some pedagogical practices where we approach the artistic languages. Proposing to think about how art is placed in this intertwining of knowledge construction in this teaching time, the theoretical framework is based on authors who made it possible to base our speech in order to highlight art as a field of knowledge that contributes to pedagogical practices.

Keywords: art. early childhood education. teaching practices.

RESUMEN: Este artículo propone un momento de reflexión sobre la enseñanza del arte en la educación de la primera infancia. De lo ideal a lo posible, existe un extenso curso de acciones y desafíos. Brindamos una breve descripción de cómo se entiende el campo del conocimiento del arte en la Educación de la Primera Infancia y para contrarrestar algunas prácticas pedagógicas donde abordamos los lenguajes artísticos. Al proponer pensar cómo se coloca el arte en este entrelazamiento de la construcción del conocimiento en este tiempo de enseñanza, el marco teórico se basa en autores que hicieron posible basar nuestro discurso para resaltar el arte como un campo de conocimiento que contribuye a las prácticas pedagógicas.

PALABRAS CLAVE: arte; educación infantil; práctica docente.



A arte na/para educação infantil

Desde muito cedo a criança é apresentada a um contexto social e cultural repleto de símbolos e significados. Ao participar das práticas sociais e culturais do entorno ao qual pertence, é requisitada de forma constante a reconstruí-las. Tal ação apresenta-se no cotidiano através da interação com seus pares.

[...] é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiúra, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 42).

Ao dar sentidos ao mundo simbólico a criança articula as experiências externas às suas possibilidades de percepção e leitura de mundo. Nesse processo constante não apenas reproduzirá suas percepções, mas será capaz de criar outros sentidos, usando a imaginação e formulando seus próprios significados.

Desta forma, o professor, ao criar ambientes que proporcionem a criança ampliar suas potencialidades perceptivas, valorizando e trazendo a tona os conhecimentos e práticas artísticas, estará enriquecendo suas experiências e compreensão do mundo a sua volta.

[...] durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos à sua volta. Aprendem a nomear esses objetos, sua utilidade seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, textura, entre outros) ou qualidades, funções, entre outros... Para que isso ocorra é necessário a colaboração do outro - pais, professoras, entre outros - sozinha ela nem sempre consegue atingir as diferenciações, muitas vezes sua atenção é dirigida às características não - essenciais e sim às mais



destacadas dos objetos ou imagens, como por exemplo, as mais brilhantes, mais coloridas, mais estranhas... (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 49).

Atualmente, ao buscar os lugares da arte na educação infantil, é comum encontrar ações descontextualizadas ou como um livre "deixar fazer". Verificamos práticas tais como, desenhos livres em folhas brancas ou com imagens impressas estereotipadas para serem pintadas. Essas geralmente com temas relacionados a datas comemorativas. As massinhas de modelar também são materiais bastante explorados nos diferentes anos da Educação Infantil, como recurso de ocupação de tempo ocioso. Assim como tintas coloridas e o aprendizado do manusear o pincel nos primeiros anos. Esse último é mais evidenciado de conteúdo, com fins de conhecer as cores e trabalhar coordenação motora fina.

A partir de algumas observações em uma escolinha, a fase entre zero e dois anos de idade (fase de adaptação) as atividades são restritas à experimentação de texturas, formas geométricas e noção de espaço e cor. O lúdico e o brincar são amplamente explorados. Nessa fase, percebemos objetos feitos pelos professores com algumas inserções do aluno. Atividades como carimbar os pés e mãos das crianças, desenhos para pintar, rodinha de canções ou de história, são ações geralmente desenvolvidas e desmembradas de acordo com o projeto educacional anual da escola e ou com os tempos de desenvolvimento geral da turminha de bebês. Nas imagens abaixo as ações são decorrentes do projeto com canções infantis de uma escolinha de Palhoça, Santa Catarina.



Imagens de 01 a 04. Arquivo pessoal da autora. "Meu primeiro caderno de atividades" dos zero aos dois anos (Educação Infantil, GT1, 2018).

O desenvolvimento infantil não ocorre de forma linear, de modo geral, perto do primeiro ano de vida, a criança já é capaz de produzir traços gráficos, fase chamada por diferentes autores de garatujas. A partir dos dois anos de idade, mais confiantes de suas capacidades e habilidades, as crianças passam a desenhar com maior ênfase. Nessa fase estão mais "abertas" a novas experiências. Costumam arriscar mais e até os seis/ sete anos estarão em um período marcado pela descoberta com relação a como atuar por meio de representações, no sentido do uso de linguagens. Com pensamento concreto farão uso dos sentidos para enriquecer experiências. Desta forma, atividades artísticas são importantes para o seu desenvolvimento, uma vez que disponibilizam ações, modos de articular pensamentos e sentimentos, descobertas e experimentações de materiais e meios diversos. Como refletiram Lowenfeld e Brittain (1970, p 115) "a arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem".



Com a interação tem-se também a imitação, onde o interesse da criança passa a ser pela ação do fazer. Por isso é importante ampliação de repertório, para que com isso, os pequenos consigam, gradativamente, ampliar seus conhecimentos e ações.

Esta reflexão inicial gerada pela busca do espaço da arte na educação infantil foi o motor para a proposição desta escrita.

O espaço da arte na Educação Infantil

A Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil (BNCC) (2017) coloca a arte como uma das formas de linguagem que possibilita contato com conhecimentos importantes no desenvolvimento das capacidades de expressão e comunicação das crianças. Entende-se que na Educação Infantil bem como, nos demais anos da educação básica não é objetivo do ensino de Arte a formação de artistas, mas sim, favorecer o acesso às linguagens com o intuito da formação de leitores, usuários do simbolismo presente nas diversas formas de representações da arte.

Entendemos que a concepção de arte para Educação Infantil é ampla. É preciso permitir a criança se expressar de diversas formas e principalmente do jeito dela. Com aquilo que lhe é conhecido e enriquecer essas ações com os mais diversos elementos. Quanto mais elementos artísticos o professor trazer para vivência das crianças, maior será a linguagem e a expressividade destas. Desta forma, dançar, cantar, dramatizar, pintar, recortar, modelar são linguagens. Essas serão transformadas em pensamento, experiências, cognição.

Propor atividades que desperte a curiosidade, o entusiasmo, a imaginação são tarefas trabalhosas. Parece



haver já na educação infantil, grande preocupação em transmitir e enquadrar as crianças em padrões sociais culturalmente aceitos. Em alguns casos sobra pouco tempo para um lúdico qualitativo. Entendemos que para construir um ensino de arte valoroso na Educação Infantil é preciso deixar de lado as intervenções excessivas dos professores em busca do "bonito e aceitável"; da reprodução vazia, desprovida de intencionalidade e objetivos pedagógicos; das cópias estereotipadas para serem coloridas (dentro dos espaços e com as cores certas); dos papéis picados para serem colados. Tais ações, ainda comuns nas escolinhas, reforçam a necessidade de ressignificar as práticas docentes em busca de uma melhor compreensão a cerca da importância da arte para esse período do ensino.

Como citado anteriormente, fica claro o uso da arte como recurso/ferramenta nas suas diversas linguagens para construção de conhecimento de outras naturezas. Porém pouco se verifica, nas ações observadas e relatadas neste artigo, uma preocupação com o Ensino da Arte enquanto conteúdo.

Não se pode subestimar a capacidade imaginativa e criativa das crianças. "Afinal, diferente do simplesmente "deixar fazer" o "expressar" não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando outras formas ao percebido e vivido" (CUNHA, 1999), para tanto, é preciso que a criança encontre um ambiente que a proporcione experimentar, que desperte sua curiosidade e a vontade da descoberta. Quando falamos em ambiente, não nos referimos a espaços esteticamente considerados belos, ou potencialmente ricos, bem estruturados e cheios de materiais coloridos e caros. Pouco ou quase nada adianta um ambiente sofisticado, com os melhores recursos pedagógicos disponíveis se a mediação do



professor for pobre, desprovida de estímulos positivos ou castradora e impositiva. Claro, que a estrutura da escola é importante, mas não é fator crucial para o ensino da arte.

As ações

Trouxemos exemplos de ações que envolvem, mesmo que apenas como ferramenta de suporte para apreensão de diversos conhecimentos, o fazer artístico nas escolinhas de Educação Infantil. Foram observadas três realidades distintas, duas em Palhoça/SC e uma em Canoas/RS.

Observou-se que a contação de histórias e/ou as canções infantis servem de eixo norteador para muitas práticas. Salientamos que as histórias, quando movidas de magia e encantamento são enriquecedoras. E quando acompanhadas de suportes visuais, tais como maquetes, objetos, fantoches, bonecos construídos/produzidos com o auxílio das próprias crianças, se tornam mais valorosas.

Na imagem 05, as crianças realizam pintura coletiva de caixa de papelão, que foi transformada na sequência em cenário da contação de história. Onde a professora, criou com a cooperação das crianças, dois ambientes usados para ensinar sobre meio ambiente e a poluição dos mares e oceanos. Uma das caixas virou um fundo do mar limpo e com vida e a outra um ambiente poluído. Verificou-se que a atividade foi enriquecedora para as crianças nos seus diferentes tempos de criação. Unindo experimentação, ouvir, imaginação, práticas de pintura, maquetes, música, construção de conhecimento sobre o tema.



**Imagem 05. Cedida pela professora da turma. Turma do GT 2 - 2019.
Arquivo pessoal da autora.**

O trabalho coletivo estimula cooperação e a interação social. A atividade teve a arte como materialidade/meio. No entanto, possibilitou o protagonismo das crianças entendendo a infância como múltipla. Pois, ao "produzir" algo, elas exploraram elementos visuais como cor, luz, linha, sombra. E isso nada mais é do que a própria vivência das crianças e como se colocam nestas investigações de materiais, espaços e tempos.

Ao mencionarmos o protagonismo infantil nos remetemos à pedagogia de Reggio Emilia. Essa pedagogia acredita que a criança apenas se torna protagonista do seu conhecimento quando está em um ambiente social onde ocorra relação de troca direta com outras crianças e adultos, participando de práticas historicamente construídas. Bem como, internalizando experiências vividas a fim de dominar conceitos, formas de comportamento e valores. (MALAGUZZI, 1999).

O desenho por si só estimula o faz de conta. O bebê aprende a segurar o lápis e entende que o mundo tem cor, os rabiscos aos poucos ganham nomes e significados e contam



histórias. Ampliam a imaginação, despertam a curiosidade e a experimentação. Luquet (1927) fala dos “erros” e “imperfeições” do desenho infantil. “Erros” ao quais atribui a pouca habilidade e falta de atenção, além de afirmar que existe uma tendência natural e voluntária da criança para o realismo. O autor cita quatro estágios para o desenvolvimento do desenho infantil. São eles: Realismo fortuito: por volta dos dois anos a criança começa, por acaso a fazer analogias com objetos e pessoas e passa a nomear seu desenho. Realismo fracassado: Entre 03 e 04 anos. Realismo intelectual: até 10-12 anos desenha do objeto não aquilo que vê, mas aquilo que sabe. Realismo visual: Em torno dos 12 anos, descoberta da perspectiva e tendência de buscar representações adultas.



Imagem 06. Bela, dois anos, GT2 2018. Arquivo pessoal da autora.

Sabemos que nas fases iniciais da vida humana a exploração de materiais, texturas, formas, cores, etc. são importantes. Além de exercitar aspectos sensoriais das crianças, tais ações mediam suas relações com o mundo ampliando o repertório de conhecimento e percepções.

Revistas e papéis coloridos para recorte ou rasgar e colagens também são usados na educação infantil. Atividades com esses materiais podem se tornar ricas ou, se tornar monótonas e mecânicas quando com um fim e si mesmas, a exemplo da imagem 09. Notamos ainda, padrões estéticos dos professores sendo colocados e os mesmos acabam, por vezes, incorporados pelos alunos. A busca pelo “desenho correto” limita a criação e imaginação da criança. Nesse sentido é importante o educador ter a compreensão de que deve ser o mediador do fazer criativo e não o responsável por ele.



Imagem 07 Isa, 2 anos e onze meses, GT2. 2018. Pintura em desenho xerocado. **Imagem 08** Crianças trabalhando dia do folclore. GT2 2019. Arquivo pessoal da autora.



Imagem 09 crianças com atividades referentes à semana da pátria GT4, 2019, **Imagem 10**. Crianças trabalhando dia da árvore. GT2 2019. Arquivo pessoal da autora.

Holm (2007) argumenta que no trabalho com a educação infantil a arte não é algo que ocorra isoladamente. São ações decorrentes de planejamentos que desencadeiam questões tais como: controle corporal, coordenação motora, equilíbrio, motricidade, criar, querer, sentir, ver, ouvir, pensar, falar etc. É necessário que a criança sinta confiança para se movimentar e experimentar. E sempre que necessário se remeta ao adulto, que esse crie junto em forma de coparticipação e não de controle.

A professora cria um ambiente amplo para os mais diversos experimentos sensoriais e estéticos. O objetivo de sensibilizar as crianças através do brincar com o que não é brinquedo. No projeto, apesar de não haver preocupação direta com a arte a grande gama de experiências promovem encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação e o poder de criação das crianças envolvidas. Estes por sua vez, terão maior capacidade para formar amplo repertório estético, para ir além do habitual em diferentes atividades futuras.



Imagem 11. <https://www.facebook.com/elenmaisa2019/>. Acessado em 29/11/2019. Crianças em interação, saco bolha e tinta guache. 2019.

Imagem 12. <https://www.facebook.com/elenmaisa2019/>. Acessado em 29/11/2019. Crianças em interação, papel, erva mate e EVA. 2019.

Nessa realidade (imagens 11 e 12) a professora cria ambientes amplos para os mais diversos experimentos sensoriais e estéticos. O objetivo é de sensibilizar os pequenos através do "brincar com o que não é brinquedo". No projeto, a grande possibilidade de experiências promove encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação e o poder de criação das crianças envolvidas.



Imagem 13. Disponível em <https://www.facebook.com/elenmaisa2019/>.
Acessado em 29/11/2019. Crianças em interação, pedaços de madeira.
Construção tridimensional. 2019. Imagem 14.
<https://www.facebook.com/elenmaisa2019/>. Acessado em 29/11/2019.
Objetos e retroprojetor. 2019. Criando imagens com sombras.

Compreende-se que, por meio dessas expressões que envolvem materiais e possibilidades que nos remetem para práticas artísticas e para possibilidades dentro da arte contemporânea, a professora está possibilitando que as crianças ampliem as formas de expressão e o universo criativo e imaginário. Conforme Dewey (2001) o sujeito está no mundo e se relaciona com ele. Somos continuamente influenciados pelo meio social e natural. Bem como, somos



capazes de modificá-lo através de nossas ações, num constante processo de interação. Ainda para o mesmo autor, havendo imaginação, existe interação. No caso de crianças pequenas, onde muitas de suas faculdades inatas ainda não se encontram totalmente estruturadas, é através da própria atividade do fazer, da cultura e da relação com o meio que conseguirá estruturar aquilo que já faz. Ou seja, os estímulos do meio são interpretados por cada sujeito a partir de suas experiências prévias. Portanto, a partir dessas trocas e interações contínuas que ocorre a experiência humana, sendo que a aprendizagem e o desenvolvimento nunca estarão imunes ao meio, da mesma forma que não serão completamente determinados por ele.

Ao professor...

Cabe colocar a criança frente a um universo amplo. Mesmo dentro dos "limitados muros da escola". Cuidar que as práticas não se tornem estereotipadas, mas sim, estimulantes, inovadoras, facilitadoras. Ajudar a criança a entender e respeitar suas criações e as produções dos colegas. Gerar ambientes colaborativos. Jamais pensar a criança como alguém desprovido de critérios estéticos, menosprezando suas capacidades. Como nos ensina John Dewey, a criança ao ser estimulada quanto suas relações com o meio, têm suas vivências e experiências enriquecidas.

A criança encorajada em suas habilidades pessoais, provavelmente terá maior êxito no processo de aprendizagem, na medida em que desenvolvem a percepção e a imaginação.

Aprendemos a ver o mundo de diferentes formas e cores, sendo também influenciados diretamente por aqueles que nos rodeiam. Pais, demais familiares, amigos, e inevitavelmente professores. Nossa leitura de mundo também dependerá de



como cada coisa foi exposta, despertando a curiosidade e um olhar otimista ou de maneira castradora e intimidadora.

Para Dewey (2001), enquanto experiência, a arte faz parte das relações que o homem estabelece com seu entorno, ou seja, a arte articula-se com a vida e a cultura. Desta forma, o ato de manipular, mexer, olhar, apreciar, montar, desmontar, construir, destruir, revirar, modificar, pintar, rasgar, criar levará a criança a aprender e a entender melhor o mundo que a rodeia. Atividades lúdicas são essenciais, mais do que ensinar padrões e comportamentos sociais a educação infantil precisa deixar a criança se expressar, aprender alternativas, perspectivas e outras concepções e modos de vida. Enfim, das diferentes realidades humanas.

Algumas considerações

Longe de encerrarmos o tema, que se mostra amplo e complexo, coube a essa escrita propor um momento de reflexão sobre o Ensino da Arte na Educação Infantil. Focamos nossa narrativa nas instituições públicas de ensino devido às adversidades técnicas, de formação e meios pelas quais passam. Onde cabe ao profissional, professores e professoras a difícil tarefa de fazer muito com muito pouco. Apesar de não ser o foco de nossas observações percebemos que a formação do professor sobre a arte e seu ensino construídos ainda na faculdade, sendo em cursos de graduação ou pós-graduação tem reflexo relevante nas suas práticas pedagógicas.

Consideramos que de modo geral falta reconhecimento da importância do ensino da Arte na formação dos professores da educação infantil. É necessário às formações em pedagogia, que se amplie a reflexão e potencialidade do



papel da arte na educação. De forma, a buscar recursos que se possa utilizar na escola, para que a arte não fique reduzida a atividades de colagem, pintura, brincadeiras livres e de coordenação ou passatempo.

A esse respeito as DCN (2010) para a Educação Infantil definem, em seu art. 9º, que devem ser garantidas nas instituições experiências que:

[...] favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, bem como [...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. (p. 25-26).

Nas situações (práticas) observadas visualizamos a arte, bem como as linguagens artísticas usadas, como ferramentas para conquista de conhecimento de outra natureza, não havendo, de forma direta, preocupação com o processo artístico e estético propriamente dito.

Por fim, conforme Buoro (2000, p. 39) "Arte se ensina, Arte se aprende". Desta forma não pode ser negligenciada pela escola. Quanto antes a criança entrar em contato com as diferentes linguagens artísticas contextualizadas, maior será o potencial de desenvolver a criatividade, tolerância com o novo e com o outro, tornando-se um indivíduo mais sensível capaz de ver o mundo com um olhar amplo.

Referências

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998. 243p. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil). v.3.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso 15 setembro 2018.



REVISTA APOTHEKE

ISSN 2447-1267

v.5, n.3, ano 5, 2019

BUORO, a.b. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte e na escola. São Paulo: Cortez, 2000.

CUNHA, S. R. V. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. In: CUNHA, S. R. V. da (Org.). Cor, som e movimento. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 7-36.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.); LINO, Dulcimarta Lemos ... [et al.] - As artes do universo infantil. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

IAVELBERG, R. Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DEWEY, John. O ensino da Arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

HOLM, A. M. Baby - Art: os primeiros passos com a arte. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, Mestre Jou. 1970.

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofias básicas. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança; a. abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre; Artmed, 1999. P. 59-104.

Marisete Machado Colbeich

Artista Visual. Professora do curso de Design de Interiores Fatenp/Unigranrio. Professora concursada da rede Estadual de Educação / SC. Especialista em Mídias na Educação pela FURG/RS (2012), Especialista em Gestão Educacional pela UFSM/RS (2005). Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica (Artes Visuais) pela UFSM/RS (2003). Membro dos Grupos: Estudos e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura (UFSM - CNPq; Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC- CNPq) e Pesquisa em Artes: Momentos Específicos (UFSM - CNPq). Publicações na área de Arte, Ensino da Arte e Design. Exposições coletivas e individuais, com premiação em salão de Artes Visuais. Atuação nas áreas de Design, Cerâmica, Pintura, Escultura, Linguagens Contemporâneas, Desenho, História da Arte e Ensino.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384783257371896>

E-mail: mcolbeich@gmail.com

Carolina Ramos Nunes

Graduação em Artes Visuais habilitação Licenciatura pela UDESC (2013). Pós Graduação, nível de Especialização, em Mídias na Educação pela UAB no IFSC (2015). Mestrado em Artes Visuais do Programa de Artes Visuais da UDESC (2017). Doutoranda em Artes Visuais do Programa de Artes Visuais da UDESC (Turma de 2018), linha de Pesquisa do Ensino das Artes Visuais, sob orientação da Profa Dra Elaine Schmidlin. Atualmente é Arte Educadora da Fundação Cultural Badesc e Professora Efetiva de Artes na Escola Estadual José Matias Zimmermann.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384783257371896>

E-mail: c.nunesra@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6847-4603>

Recebido em 31 de outubro de 2019.
Aprovado em 19 de novembro de 2019.